

EXPOSIÇÃO
COLECTIVA 2+2:
PINTURA,
ESCALURA E
FOTOGRAFIA

HUMANIDADES VINDAS DO MEDITERRÂNEO

Uma exposição a todos os títulos valiosa, aquela que o escultor Rogério Abreu, o pintor espanhol Andrés Mérida e os fotógrafos Nuno Moura e Ricardo Almeida protagonizaram no Centro de Cultura e Congressos ao longo do mês de Novembro. Sem um traço uniforme, “2+2” revelou-se uma paleta de influências diversa, de perfil humanista e com os valores e tradições mediterrânicas em vaga de fundo.

nortemédico Texto Nelson Soares • Fotografia António Pinto



Nas típicas bodegas malaguenhas, Andrés Mérida resgata um ambiente que serve quase de assinatura ao seu trabalho. Na abertura da exposição colectiva 2+2, são as suas figuras oblíquas, as cores quentes e os motivos andaluzes que servem de cartão-de-visita no hall de entrada do Centro de Cultura e Congressos (CCC). “É um estilo muito pessoal e não há propriamente uma corrente concreta na minha pintura. Prefiro chamar-lhe nova figuração”, classificou.

Convidado pelo amigo Rogério Abreu, com quem trabalha regularmente, o conterrâneo de Picasso confessou a “grande identificação com a cultura mediterrânica”, expressa “nas cores, nos temas” e, por exemplo, “no meio tauromáquico que é uma prática enorme na Andaluzia”. O toureiro, de resto, é uma das figuras mais representadas na pintura de Andrés Mérida.

Outros dos traços característicos do autor é uma espécie de torção dos rostos, normalmente associada ao cubismo, que o pintor usa com mestria. “É uma nova leitura do cubismo”, explicou, “em que procuro dar um sentido diferente unindo todos os planos, daí a noção de uma forma dobrada”.

Pela segunda vez na SRNOM, Andrés Mérida confessou sentir “muito gozo” por voltar a um espaço “muito bonito para se expor”. “Estou encantado de voltar a Portugal. Tenho um forte vínculo a este país, sinto-me confortável aqui, como se estivesse em casa”, concluiu.

Um *habitué* na casa dos médicos, Rogério Abreu dedicou grande parte do seu tempo mais recente a preparar esta exposição colectiva. “Foi pensada



há um ano e meio, mas um acidente de trabalho limitou-me durante seis meses e foi necessário repensá-la”, esclareceu. Não obstante, o escultor natural de Torres Vedras trouxe uma nova linha inteiramente criada para o evento, mantendo a sua identidade estética. “O que trago é o conceito habitual na minha obra. Um pensamento humanista, à base de sentimentos e quase sempre baseado na figura humana e na relação entre a figura interior e exterior”.

Influenciado por artistas plásticos de épocas e estilos diferentes, Rogério Abreu confessou-se um criador livre e condicionado apenas pela sua intenção. “É natural que haja figuras que nos inspiram, mas o que é necessário hoje é recriar. A base da arte é a liberdade, para condicionalismos já bastam o que a vida nos coloca.

SOCIEDADE ASSÉPTICA

A outra parcela da exposição colectiva, que ocupou a galeria do CCC de 1 a 30 de Novembro, foi dedicada à fotografia. Nuno Moura foi um dos que convidados, com um conjunto de imagens de grande impacto estético sobre algumas “tribos” sociais.

“São aquelas pessoas que vivem um pouco à margem, que se agregam em grupos de fortes tradições e aos quais é difícil chegar. Por vezes demora-se anos para começar a fotografar”, contou.

Tal como Andrés Mérida, também o mundo das touradas chama a atenção do fotógrafo pela sua controvérsia e forte identidade. Um dos trabalhos que apresentou, “Rituais de Bravura”, é um ciclo de fotografias muito intenso sobre a arte do toureio. Além deste, Nuno Moura apresentou ainda imagens nos bastidores de um circo, outro meio marginal e sujeito a grande polémica. “A minha identidade como fotógrafo é um bocado esta. Privilegio estas áreas porque têm uma beleza estética e cultural extremamente fortes”, venceu, deixando ainda uma crítica social explícita: “Vivemos numa sociedade cada vez mais asséptica, em que a arte é asséptica, a visão das coisas é asséptica e há cada vez menos diversidade de ideias”.

Num outro registo, Ricardo Almeida fechou a exposição com fotografia de viagem. Da “Ruta 40” na Patagónia, a uma arcada tradicional italiana, o jovem fotógrafo trouxe uma amostra do trabalho com que mais se identifica. “É, sem dúvida, o tipo de fotografia que mais gosto de fazer. Desde logo, porque viajar é um gosto pessoal e se puder juntar a fotografia é perfeito”. ■

